

## **REDES SOCIAIS NA PESQUISA CONTÁBIL BRASILEIRA ORIENTADA PELA TEORIA INSTITUCIONAL: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO CIENTÍFICA**

SOCIAL NETWORKS IN BRAZILIAN FINANCIAL RESEARCH ORIENTED BY THE INSTITUTIONAL THEORY: AN ANALYSIS OF SCIENTIFIC EVOLUTION

Leila Aparecida Scherer Weiss<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
leila\_weiss@hotmail.com

Maico Schnell  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
schnell.adv@hotmail.com

Rafaella Maranhão Kawata  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
rafaellakawata@yahoo.com.br

Aladio Zanchet  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
aladio.unioeste@gmail.com

### **RESUMO**

O objetivo deste estudo é identificar os autores e instituições mais atuantes no processo de construção do conhecimento orientado pela Teoria Institucional na área contábil no Brasil no período de 2000 e 2015. Os resultados apresentaram uma evolução em número de artigos publicados ao longo dos anos, especialmente em 2014 e foram identificadas 63 instituições que contribuem no campo da produção científica no que se refere a Teoria Institucional na área contábil. No período de 2010 a 2015 a concentração na rede de cooperação revela a existência de diversos autores com significativos laços entre si, além, de outras pequenas e médias redes de cooperação. Como conclusão da pesquisa destaca-se que ocorre uma rede de pesquisa com laços fortes sobre a Teoria Institucional, sendo que esta rede é formada por autores de várias universidades do país.

Palavras-chave: Teoria Institucional; Redes; Bibliometria; Sociometria.

### **ABSTRACT**

The present study aims to ascertain what where the authors and relevant institutions in the process of construction of knowledge about institutional theory in accounting in Brazil during the period from 2000 and 2015. The research about the goals is descriptive, based on document research, with a quantitative approach and a bibliometric analysis and sociometric. The universe of the study consists of publications in national journals, in the area of accounting, available via Web access, composing 16 papers. The results showed an evolution in number of articles published over the years, especially in 2014 and 63 institutions have been identified that contribute in the field of scientific production in terms of institutional theory in accounting. In the period from 2010 to 2015 to concentrate on cooperation network shows that there are multiple authors with significant ties to each other, and other small and medium-sized networks of cooperation. As a conclusion of the research highlights that there is a research network with strong ties on Institutional theory, and this network is formed by authors from various universities in the country.

Keywords: Institutional Theory; Networks; Bibliometrics; Sociometry

---

<sup>1</sup> Leila Aparecida Scherer Weiss - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Rua Uruguaiana, n. 806, Quatro Pontes, Paraná. CEP: 85940-000

## **1 INTRODUÇÃO**

A Teoria Institucional segundo Barbosa Neto e Colauto (2010) propicia relevantes contribuições para o controle das organizações, uma vez que o seu objetivo é esclarecer os fatos organizacionais pelo entendimento de como os processos empresariais se transformam em ações legitimadas e quais consequências para os resultados planejados pelas empresas. A Teoria Institucional ganha espaço nos estudos organizacionais na medida em que oferece formas de se compreender os padrões que estão subentendidos e devido a diversidade existente dentro das instituições (PEREIRA, 2012).

Pereira (2012) esclarece que existem diversos estudos que procuram entender os fenômenos organizacionais que são complexos e abrangem os elementos sociais, culturais e comportamentais. No entanto, devido a não institucionalização dessa teoria, ocorre a indispensabilidade de se procurar assimilar os diversos rumos que a Teoria Institucional vem tomando no uso em pesquisas, tanto em pesquisas teóricas, quanto em estudos aplicados. A Teoria Institucional segundo Guerreiro, Pereira e Frezatti (2008), é um tratamento utilizado para explicar e entender as novas práticas de contabilidade gerencial dentro deste viés teórico.

Segundo Barbosa Neto e Colauto (2010) a Teoria Institucional utilizada em estudos na área contábil, principalmente na contabilidade gerencial, visa compreender quais as práticas adotadas pelos gestores e o porquê das mudanças em hábitos e rotinas, no entanto são poucos os estudos empíricos que abordam esta teoria.

A análise de redes busca, a construção de métodos para a averiguação dos dados relacionais, que possibilitam a identificação das relações entre as pessoas, instituições ou grupos, que podem ser diferentes entre si, o que permite a comparação de colaborações e condutas editoriais (DAL VESCO; DOS SANTOS; SCARPIN, 2015). Segundo os mesmos autores, os estudos que utilizam as técnicas de análises de redes tiveram início com as pesquisas de Nelson (1984), o qual buscou fortificar as pesquisas sobre as organizações e as estruturas. Outros estudos procuraram analisar a produção científica, e identificar as relações em redes que existiam entre os pesquisadores, o que aumentou de forma considerável as pesquisas sob tal enfoque.

As produções científicas envolvem atores, entre os quais se destacam, os produtores do conhecimento científico, os pesquisadores e as instituições de pesquisa com as quais os cientistas estão vinculados. Portanto, em uma análise longitudinal da produção científica, pode-

se encontrar diversos autores vinculados, alguns mais assíduos do que outros, o que ocasiona as alterações dos grupos de pesquisa, uma vez que os pesquisadores deixam de publicar na área e novos passam a fazê-lo. O ingresso de novos atores é importante para a renovação dos conhecimentos, das abordagens e visões sobre a Teoria Institucional, da mesma forma que a permanência dos pesquisadores também é relevante para o desenvolvimento e amadurecimento desta área (WALTER *et al.*, 2010).

O diálogo entre pesquisadores promove a troca de conhecimento entre os autores, instituições e países e, neste sentido, Vieira (1998) e Fleury (2003) destacam que uma elevada parte das publicações surgem com a interação entre alunos e orientadores, de trabalhos de disciplinas e de projetos entre os professores e, conseqüentemente, entre instituições. Rossoni e Guarido Filho (2009) afirmam que essas cooperações aumentam a frequência e, também o número de autores, possibilitando a formação de redes. Isso tem favorecido a compreensão sobre o processo de construção do conhecimento nessa área, uma vez que as redes de colaboração, tais como redes de coautoria, configuram uma área para partilha de perspectivas teóricas e formas de realização de pesquisas, como resultado uma influência sobre a produção do conhecimento (GUARIDO FILHO; MACHADO-DA-SILVA; ROSSONI, 2010)

Diante do contexto apresenta-se seguinte questão de pesquisa: **Quais foram os autores e instituições mais relevantes na construção do conhecimento sobre a Teoria institucional na área contábil no período entre 2000 e 2015?** Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo identificar os autores e instituições mais atuantes no processo de construção do conhecimento orientado pela Teoria Institucional na área contábil no Brasil.

Para atender ao objetivo proposto este estudo foi estruturado em cinco sessões: primeira sessão é a introdução, a segunda o referencial teórico. A terceira sessão é composta pela metodologia utilizada na pesquisa, a quarta, a descrição dos resultados e a quinta, as considerações do estudo.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Esta seção apresenta os principais conceitos do tema proposto, e destaca as principais vertentes teóricas existentes neste campo.

### **2.1 TEORIA INSTITUCIONAL**

A teoria institucional tem sido objeto de estudo nos últimos anos e as origens da teoria institucional moderna são encontradas nos trabalhos de Berger e Luckman (1967), no qual discutem como a realidade social é uma construção humana, que surge com a interação entre os diversos agentes nos processos sociais.

Nos estudos sobre Teoria Institucional, observa-se que no campo das ciências sociais há três enfoques desta teoria na literatura: *New Institutional Economics* (NIE), *Old Institutional Economics* (OIE) e *New Institutional Sociology* (NIS). De acordo com Scott (1987), a velha Economia Institucional (OIE) iniciou com os estudos de Philip Selznick (1967), já a Nova Economia Institucional (NIE) está nos trabalhos de Meyer e Rowan (1992), DiMaggio e Powell (1991, 1983), Scott e Meyer (1991). No entanto, apesar de possuírem diferentes origens filosóficas, observa-se um interesse comum por temas como instituição e mudança institucional (GUERREIRO *et al.*, 2005).

No que tange as estruturas organizacionais criadas cada vez mais de forma elaborada com o crescimento de mitos institucionais e em contextos altamente institucionalizados; por outro lado, também precisam atender às atividades práticas. Nesse sentido, alguns autores destacam o ambiente institucional pela elaboração de normas e exigências a que as organizações se conformam se querem obter apoio e legitimidade do ambiente (CARVALHO; VIEIRA; LOPES, 2001).

No mesmo segmento, ao distinguir regras institucionalizadas de comportamentos sociais predominantes, levando em conta que as regras institucionalizadas são definidas com base em Berger e Luckmann (2001), como classificações construídas pela sociedade ou interpretações compartilhadas, já Meyer e Rowan (1983) destacam que podem ser simplesmente tomadas como evidentes, ou podem ser sustentadas pela opinião pública ou pela força da lei (MEYER; ROWAN, 1983).

A teoria institucional atende aos aspectos mais profundos e mais resistentes da estrutura social. Ela considera que os processos pelos quais estruturas, incluindo esquemas, regras, normas e rotinas, tornam-se estabelecidos como autoritativas orientações para o comportamento social (SCOOT, 2005).

Para Scoot (2005) a teoria institucional contemporânea tem captado a atenção de uma ampla gama de estudiosos em ciências sociais e é empregada para examinar sistemas variando de interações interpessoais estruturas globais micro para macro. Embora a presença de estudiosos institucionais Weber (1924/1968) bem como as idéias de Berger e Luckmann (1967), Meyer (1970) sugeriu que tanto a ordem social é um produto de normas sociais e tais comportamentos não são socialmente influenciados como socialmente construídos.

As duas principais fontes de institucionalismo sociológico aplicado à política, são de perspectivas da sociedade mundial e organizacional e desenvolveram como uma resposta para as lacunas nas teorias de sistema centrado no estado e do mundo em Sociologia política e em

teorias neorealista nas relações internacionais, os quais atribuem a políticas e ações para perseguição intencional dos atores políticos de interesses (AMENTA; RAMSE, 2010).

A teoria institucional destaca o institucionalismo sociológico, institucionalismo histórico e o institucionalismo político, como sendo:

Primeiro, os pressupostos das teorias orientada por interesse, instrumentais, individualistas, institucionalista sociológica, mencionados por estudiosos, prevêm uma variedade de políticas, ações e formas funcionais entre Estados, enquanto para muitos exemplos de política Estados em vez disso, exibem isomorfismo, apesar das diferenças de interesses relevantes (MEYER *et al.*, 1997; BOLI; THOMAS, 1999).

Em segundo lugar, a ambiguidade da ligação entre a realidade observada, instrumentos políticos e objetivos políticos podem se tornar impraticável em uma busca bem informada de interesses (COHEN *et al.*, 1972; DIMAGGIO; POWELL, 1983).

E o terceiro ligado a teorias prematuramente, podem descartar o papel constitutivo da cultura na política ou conceituar cultura como sendo um artefato de estruturas políticas ou relações econômicas (MEYER *et al.*, 1997; BOLI; THOMAS, 1999).

O artigo de Powell e DiMaggio (1983) é considerado um clássico da nova corrente institucional. Oferece uma análise macroinstitucional de mudança estrutural (definida como isomorfismo) nas organizações. Em vez de teorizar sobre a diversidade organizacional, o foco da sua análise é a similaridade organizacional.

DiMaggio e Powell (1983) *apud* Rosseto e Rosseto (2005), identificam três mecanismos de como a mudança isomórfica institucional ocorre, cada um com seus próprios antecedentes:

- a) isomorfismo coercivo; b) isomorfismo mimético; e, c) isomorfismo normativo:
- a) Isomorfismo coercitivo - que deriva de influências políticas e do problema da legitimidade. Resulta tanto de pressões formais quanto de pressões informais exercidas sobre as organizações por outras organizações das quais elas dependem, e pelas expectativas culturais da sociedade em que as organizações atuam (MAYER, 1979);
- b) Isomorfismo mimético - que resulta de respostas padronizadas à incertezas. Quando as tecnologias organizacionais são insuficientemente compreendidas, as metas são ambíguas ou o ambiente cria uma incerteza simbólica, as organizações podem a vir tomar outras como modelo;
- c) Isomórfica é normativa - origina-se primariamente a profissionalização. Seguindo Larson (1977) e Collins (1979), DiMaggio e Powell (1983) interpretam profissionalização como a luta coletiva dos membros de uma ocupação para definir condições e métodos de seus trabalhos e para estabelecer uma base cognitiva e legitimação para sua autonomia ocupacional.

Em suma, a perspectiva institucional é uma estrutura determinística que coloca ênfase sobre as normas do ambiente e o peso da história da empresa para explicar as ações organizacionais (EISENHARDT, 1988).

Rosseto e Rosseto (2005) destacam as discussões dos ambientes institucionais os seguintes pesquisadores: (HIRSCH, 1972; MCNEIL; MINIHAN, 1977; ZALD, 1978 e seus efeitos sobre as estruturas e processos organizacionais (DOWLING; PFEFFER, 1975; HIRSCH, 1975; MEYER; ROWAN, 1975) têm demonstrado que a escola institucional é um suporte vital na pesquisa corrente sobre a adaptação organizacional.

Nesse mesmo sentido destaca-se o ambiente técnico e ambiente institucional, necessários ao alcance da legitimidade organizacional, sendo que as organizações submetidas a pressões do ambiente técnico e o ambiente do ambiente institucional são avaliadas, respectivamente, pela eficiência e pela adequação às exigências sociais. (MACHADO-DASILVA; FONSECA; FERNANDES, 1999).

No contexto apresentado Machado-da-Silva e Gonçalves (1999) ressaltam que as organizações interagem com seu ambiente a procura de legitimação.

Percebe-se que há diversas escolas do pensamento dentro desta perspectiva (SCOTT, 1987b), muito da literatura institucional utiliza o conceito de isomorfismo para explicar a forma como as características organizacionais são modificadas para aumentar a compatibilidade com as características ambientais (DIMAGGIO; POWELL, 1983; ROWAN, 1982).

Segundo os doutrinadores Meyer (1979) e Fennell (1980), DiMaggio e Powell (1983) argumentam que existem outros dois tipos de isomorfismo: o competitivo e o institucional. Segundo Hannan e Freeman (1977) o competitivo assumindo um sistema de racionalidade que enfatiza o mercado de competição e a mudanças. E o institucional constitui uma ferramenta útil para se compreender a política e o cerimonial que permeiam parte considerável da vida organizacional moderna.

Destacaram-se, nesta subseção, o referencial teórico sobre a teoria institucional e seus conceitos, de forma a apresentar a relação entre eles, na subseção seguinte apresenta-se as leis de redes sociais.

## 2.2 REDES SOCIAIS

A relações sociais entre laços conduz que, laços fortes demonstram a identidade que existe entre os indivíduos, já os laços fracos permitem a conexão entre grupos pelas distintas particularidades. Granovetter (1974), rompeu com a sociologia tradicional ao escrever um artigo que teve como título *The Strength of Weak Ties*, no momento em que propôs uma análise

do padrão de conexão existente entre o indivíduo relacionado ao grau de coesão de redes, fluxo de recursos entre indivíduos tais como afeto, dinheiro e informação. O autor tem como tese que, os indivíduos tomam decisões mais consistentes quando os vínculos são mais fortes em suas redes.

Ainda de acordo com Granovetter (1983) o autor observa que os laços fracos são essenciais para a disseminação e inovação, pelo fato de que são redes constituídas por indivíduos com experiências e formações diversas.

A existência de uma identidade em comum, as dinâmicas geradas nessas interações não se estendem além dos *clusters*, deste modo, procura-se em tais redes referências para a tomada de decisão, por serem relações de altos níveis de credibilidade e influência. Indivíduos que compartilham laços fortes em comum, participam de um mesmo círculo social, porém os indivíduos que apresentam relações de laços fracos são importantes porque fazem a conexão com vários grupos distintos, rompe a configuração de ilhas isoladas e assumem a configuração de rede social (KAUFMAN, 2012).

Pelo fato de as redes formadas por laços fortes serem constituídas por indivíduos que possuem identidade em comum restringe a inovação. No entanto, os laços fracos por meio das pontes construídas são de certo modo necessários para a integração dos indivíduos na sociedade.

De certo modo, os laços fracos se tornam confusos ao ver que, para que haja inovação os indivíduos precisam de sentimento de confiança e identificação entre os membros, o que nos remete ao papel das redes de laços fortes (KAUFMAN, 2012).

O conjunto de pessoas ou de organizações interligadas de forma direta ou indireta corresponde ao termo relacionado a redes (BELESTRIN; VARGAS, 2004). Para Wasserman e Faust (1994) as redes sociais podem ser entendidas como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões.

Para Beuren et al. (2015) o ambiente social pode ser expresso por meio de padrões ou regularidades nas relações entre unidades que interagem, sendo o foco de atenção da análise o relacionamento entre as entidades sociais, os padrões e as implicações dessas relações na análise de redes sociais.

Uma unidade de análise ligada entre dois atores é considerada uma díade, e as tríades são as ligações presentes entre três ou mais atores. Os grupos se originam nas relações que possuem laços os quais podem ser medidos que se caracteriza por um conjunto finito de atores definidos por critérios conceituais, teóricos ou empíricos. As centralidades têm como intuito



identificar os atores mais importantes em uma rede social, quanto mais centrais os atores nas redes sociais, maior a importância (WASSERMAN; FAUST, 1994).

Seifriz et al. (2014) ressaltam que um laço ou relação entre dois atores possuem força e conteúdo e a força reflete a intensidade e a frequência das interações e o conteúdo inclui fatores como informação, questões familiares, conselho ou amizade, interesses compartilhados e principalmente um nível de confiança.

Para Maciel (2007) quanto mais densa for a rede, o fluxo de informações e recursos torna-se mais fácil, assim, opera na lógica de um sistema fechado, o que torna mais fácil a manutenção de altos níveis de confiança, normas compartilhadas e padrões de comportamento.

Segundo Walter et al. (2010) estudos voltados a análises de pesquisas anteriores, os atores podem ser autores e ou instituições que publicaram os artigos e os laços são as relações de coautoria nos artigos.

Com o avanço tecnológico torna-se necessário compreender o complexo aspecto humano e não humano tais quais artefatos, instrumentos, conceitos, teorias, instituições, das redes. Neste viés, compreende-se por redes os atores-pessoas e organizações que buscam interagir, compartilhar ideias, teorias e conhecimentos científicos (BEUREN et al., 2015).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada, quanto aos objetivos, é descritiva; quanto aos procedimentos, documental e quanto à abordagem do problema, quantitativa (RAUPP; BEUREN, 2009). Para atingir os objetivos propostos, utilizou-se, de uma análise bibliométrica e sociométrica. De acordo com Macias-Chapula (1998) a pesquisa bibliométrica se direciona para estudos com aspectos quantitativos da produção científica, disseminação e uso da informação registrada. O estudo sociométrico está voltado para a exploração da matriz de relacionamentos, que é estabelecida entre os atores sociais (WASSERMAN; FAUST, 1994), compreendidos, neste estudo, como autores e instituições.

O universo do estudo constitui-se das publicações em periódicos nacionais, na área de contabilidade, disponíveis de acesso via Web, conforme Tabela 01, compondo um total de 16 periódicos. A opção por realizar a pesquisa dos artigos publicados nos periódicos de contabilidade deve-se principalmente ao fato de que estes representarem um espaço que fornece a oportunidade para autores da área contábil publicarem seus estudos específicos desta área, além de deterem representatividade no cenário nacional de pesquisa científica em contabilidade.

Os artigos objetos da presente análise foram obtidos por meio de um recorte longitudinal de um período de 15 anos (2000-2015), uma vez que se verificou que o primeiro artigo



publicado, nos periódicos selecionados, data de 2001. Para a seleção da amostra, foram filtrados, inicialmente artigos contendo as expressões Teoria Institucional, Isomorfismo, Nova Economia Institucional, Velha Economia Institucional, Nova Sociologia Institucional, Institucionalismo, análise institucional e perspectiva institucional compondo a amostra 107 artigos científicos.

**Tabela 01: Classificação dos periódicos pelo *Qualis/CAPES***

| <b>Título do Periódico</b>  | <b>ISSN</b> |
|---|-------------|
| Revista Contabilidade & Finanças  | 1808-057X   |
| RBGN - Revista Brasileira de Gestão de Negócios                         | 1983-0807   |
| Contabilidade Vista & Revista   | 0103-734X   |
| Enfoque: Reflexão Contábil  | 1517-9087   |
| Revista Contemporânea de Contabilidade (UFSC)                           | 1807-1821   |
| Revista Universo Contábil   | 1809-3337   |
| Base - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS             | 1984-8196   |
| RCO - Revista de Contabilidade e organizações                           | 1982-6486   |
| RACE – Revista de Administração, Contabilidade e Economia               | 2179-4936   |
| Registro Contábil – RECONT  | 2179-734X   |
| REPeC – Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade                 | 1981-8610   |
| Reunir: Revista de Administração, Ciências Contábeis e Sustentabilidade | 2237-3667   |
| Revista Ambiente Contábil   | 2176-9036   |
| Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade                             | 2238-5320   |

Fonte: CAPES (2015)

Para a análise de dados observou-se primeiramente o ano de publicação, o periódico no qual foram publicados, os autores dos artigos e as instituições as quais estes se encontravam vinculados na ocasião da publicação. Para a identificação do vínculo institucional dos autores utilizou-se dados constantes nos resumos dos artigos analisados, no caso de autores que indicaram mais de uma instituição, optou-se por considerar somente a primeira instituição informada.

Para que fosse respeitada a diferenciação dos nomes dos autores com mesma citação nominal, executou-se uma consulta ao *curriculum* da Plataforma *Lattes*, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), após a certificação de se tratarem de autores diferentes, optou-se por manter o sobrenome e citar o primeiro nome por extenso, nos demais casos os nomes permanecem abreviados.

A análise de redes deu-se por meio do Software UCINET<sup>®</sup> 6, levou-se em conta as redes sociais de cooperação entre as instituições; as instituições com mais produção e com maior número de laços; à associação entre autores segundo a categoria de produção e continuidade; à produção científica por categoria e por ano; à produção científica por periódico e por ano; à rede social dos autores e autores mais prolíficos e com maior quantidade de laços.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS**

Nesta seção expõe uma análise da produção científica sobre a teoria institucional na área contábil. A Tabela 02 apresenta a quantidade de artigos publicados, considerados neste estudo, classificados por ano de publicação e por periódico.

**Tabela 02: Total de artigos publicados por ano e por periódico**

| Periódicos                     | 2000     | 2001     | 2002     | 2003     | 2004     | 2005     | 2006     | 2007     | 2008     | 2009      | 2010     | 2011     | 2012      | 2013      | 2014      | 2015      | Total      |
|--------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|----------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| Cont. & Finanças               |          | 1        |          |          |          |          | 3        |          |          | 2         |          |          | 3         |           | 1         |           | 10         |
| RBGN                           |          |          |          |          |          |          |          | 1        |          | 3         | 1        |          | 2         | 3         | 1         | 1         | 12         |
| Vista & Revista                |          |          |          |          |          |          |          |          |          |           | 1        |          |           |           | 1         | 2         | 4          |
| Enfoque                        |          |          |          |          |          |          |          | 2        |          |           |          |          |           |           |           |           | 2          |
| Revista Cont. de Contabilidade |          |          |          |          |          |          |          |          |          |           | 1        | 1        |           |           | 1         |           | 3          |
| Universo Contábil              |          |          |          |          |          | 1        | 1        |          | 3        | 1         | 1        | 1        | 3         | 2         | 2         | 1         | 16         |
| Base                           |          |          |          |          |          |          |          |          | 1        | 3         | 1        | 1        | 4         | 3         |           | 1         | 14         |
| RCO                            |          |          |          |          |          |          |          |          | 2        | 3         | 2        | 1        |           | 1         |           |           | 9          |
| RACE                           |          |          |          |          |          |          |          |          | 1        |           |          |          | 1         |           | 4         | 2         | 8          |
| RECONT                         |          |          |          |          |          |          |          |          |          |           |          | 1        |           | 1         |           | 2         | 4          |
| REPeC                          |          |          |          |          |          |          |          |          | 1        | 1         |          |          |           |           | 2         | 1         | 5          |
| Reunir                         |          |          |          |          |          |          |          |          |          |           |          |          | 1         |           | 3         |           | 4          |
| Amb. Contábil                  |          |          |          |          |          |          |          |          |          |           |          | 1        | 1         | 4         | 4         | 4         | 14         |
| Gestão, Fin. e Contabilidade   |          |          |          |          |          |          |          |          |          |           |          |          | 1         |           | 1         |           | 2          |
| <b>Total</b>                   | <b>0</b> | <b>1</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>1</b> | <b>4</b> | <b>3</b> | <b>8</b> | <b>13</b> | <b>7</b> | <b>6</b> | <b>16</b> | <b>14</b> | <b>20</b> | <b>14</b> | <b>107</b> |

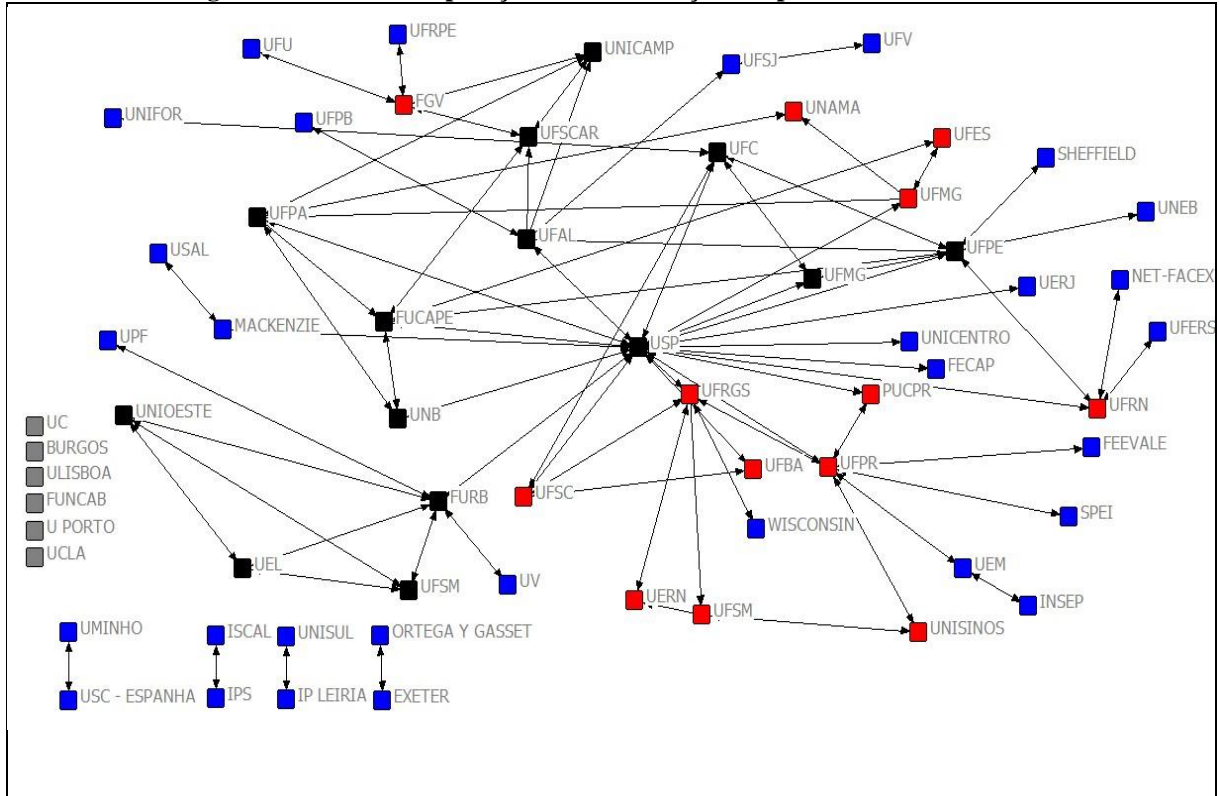
Fonte: Elaborado pelos autores

Observa-se um aumento no número de artigos publicados ao longo dos anos, com destaque para os anos de 2009, 2012, 2013 e 2014. Até 2005 estudos nessa área eram praticamente inexistentes, tendo apenas uma publicação em 2001 e outra em 2005. A partir de 2006 observa-se uma frequência mais acentuada de estudos conduzidos orientados pela Teoria Institucional.

As instituições de ensino contribuem para esta evolução no campo da produção científica e, nesse sentido, foram identificadas 63 instituições envolvidas nas publicações analisadas. A Figura 01 mostra a rede completa de cooperações entre as instituições que se associaram para que os estudos se desenvolvessem.

Na Figura 01 observa-se que os perfis das instituições de ensino apresentam certa diversidade. E, quanto algumas procuram se associar a outras para publicações de artigos, outras apresentam apenas laços de publicações internas. A USP se destaca como instituição com maior predominância.

Figura 01: Rede de cooperação entre instituições no período de 2000 a 2015



**Legenda:** Universidade de Coimbra (UC); Universidade de Burgos (BURGOS); Universidade de Lisboa (ULISBOA); Faculdade Castelo Branco (FUNCAB); Universidade do Porto (U PORTO); *University of Califórnia* (UCLA); Universidade do Minho (UMINHO); Universidade de Santiago de Compostela (USC); Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL); Instituto Politécnico de Setúbal (IPS); Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Politécnico de Leiria (IP LEIRIA); *University of Sheffield* (SCHEFFIELD); Universidade de Wisconsin (WISCONSIN); *University of Exeter* (EXETER); Instituto Universitário de Investigação Ortega Y Gasset da Universidade Complutense (ORTEGA Y GASSET); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Estadual de Londrina (UEL) Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Universidade Regional de Blumenau (FURB); Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade de Passo Fundo (UPF); Universidade Mackenzie (MACKENZIE); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Centro Universitário Facex (NET-FACEX); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Sociedade Paranaense de Ensino e Informática (SPEI); Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade de São Paulo (USP); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE); Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Instituto Superior de Educação do Paraná (INSEP); Fundação Getúlio Vargas (FGV); Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); Universidade da Amazônia (UNAMA); Universidade de Brasília (UNB); Universidade de Valencia (UV); Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Universidade Feevale (FEEVALE); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto a cooperação entre as instituições, o Tabela 03 apresenta o número de laços de cooperação e sua representação percentual em relação à totalidade de laços identificados, sendo expostos os mais representativos.

**Tabela 03: Instituições com maior número de laços**

| Instituição | Laços | %      | Instituição | Laços | %     | Instituição | Laços | %     |
|-------------|-------|--------|-------------|-------|-------|-------------|-------|-------|
| USP         | 48    | 20,25% | FGV         | 7     | 2,95% | IP LEIRIA   | 3     | 1,27% |
| UFPR        | 14    | 5,91%  | UFMG        | 6     | 2,53% | MACKENZIE   | 3     | 1,27% |
| UFPE        | 14    | 5,91%  | UFAL        | 6     | 2,53% | UNISINOS    | 3     | 1,27% |
| FURB        | 12    | 5,06%  | UFBA        | 6     | 2,53% | UFSCAR      | 3     | 1,27% |
| UFC         | 10    | 4,22%  | UFPA        | 5     | 2,11% | UNICAMP     | 3     | 1,27% |
| UFSC        | 10    | 4,22%  | UFRN        | 4     | 1,69% | UEL         | 3     | 1,27% |
| FUCAPE      | 8     | 3,38%  | UFMG        | 4     | 1,69% | UNIOESTE    | 3     | 1,27% |
| UFRGS       | 7     | 2,95%  | UNB         | 4     | 1,69% | UFSM        | 3     | 1,27% |

Fonte: elaborado pelos autores

Mediante a análise conjunta dos dados obtidos por meio das redes de cooperação, destaca-se que a USP apresenta maior número de indicações de vínculos de autores e laços, seguidos pela UFPR e UFPE, segunda e terceira classificadas em número de laços. No entanto, observa-se uma distância relativamente grande entre estas instituições, quando se leva em conta a quantidade de laços.

Quanto a participação dos autores no campo da teoria institucional, primeiramente identificou-se a proliferação dos pesquisadores. A produção dos 107 artigos selecionados foi feita por 246 autores diferentes. Os pesquisadores com maior número de publicações no período analisado constam na Tabela 04.

**Tabela 04: Autores mais prolíficos no período**

| Autor            | Artigos | Autor                | Artigos |
|------------------|---------|----------------------|---------|
| CRUZ, A.P.C.da   | 5       | WANDERLEY, C.A.      | 3       |
| DIAS FILHO, J.M. | 5       | CUNHA, J.V.A. da     | 3       |
| GUERREIRO, R.    | 5       | CABRAL, A.C.A.       | 2       |
| ESPEJO, M.M.S.B. | 4       | CONCEIÇÃO, M.G.      | 2       |
| BEUREN, I.M.     | 4       | SANTOS, S.M. dos     | 2       |
| GOMES, S.M.S.    | 3       | BRANDÃO, I.F.        | 2       |
| LUCA, M.M.M. de  | 3       | CARDOSO, R.L.        | 2       |
| GASSNER, F.P.    | 3       | MENDONÇA NETO, O.R.  | 2       |
| LAGIOIA, U.C.T.  | 3       | OYADOMARI, J.C.      | 2       |
| WALTER, S.A.     | 3       | SOUSA, R.G.          | 2       |
| MIRANDA, L.C.    | 3       | FREZATTI, F.         | 2       |
| COELHO, A.C.     | 3       | VASCONCELOS, A.C. de | 2       |
| LOPES, A.B.      | 3       | ALMEIDA, L.B. de     | 2       |
| CULLEN, J.       | 3       | FELIU, V.M.R.        | 2       |

|                 |   |               |   |
|-----------------|---|---------------|---|
| LAVARDA, C.E.F. | 3 | PALANCA, M.B. | 2 |
|-----------------|---|---------------|---|

Fonte: Elaborado pelos autores

Na Tabela 04 constam informações que indicam quais autores publicaram mais sobre a teoria institucional nos últimos quinze anos. E entre os 107 artigos analisados observa-se uma diversidade de autores que pesquisam sobre o tema, o que caracteriza um esforço na produção do conhecimento científico. Neste sentido CRUZ, A. P. C. da, DIAS FILHO, J. M. e GUERREIRO, R. se destacam por apresentar maior quantidade de artigos no período.

Considerando todos os artigos selecionados, a Tabela 05 expõe os autores que possuem maior número de laços em suas redes de cooperação e o número de artigos publicados, de forma a possibilitar um comparativo entre os autores que mais possuem laços e o seu número de publicações. Destaca-se que além dos laços descritos na Tabela 05, este estudo apresentou mais 30 autores com 4 laços; 55 com 3 laços; 69 com 2 laços; 54 com 1 laço e 6 que não possuem laços com outros autores.

**Tabela 05: Autores mais prolíficos X autores com maior número de laços**

| Autor            | Artigos | Laços | Autor                | Artigos | Laços |
|------------------|---------|-------|----------------------|---------|-------|
| CRUZ, A.P.C.da   | 5       | 15    | MENDONÇA NETO, O.R.  | 2       | 6     |
| ESPEJO, M.M.S.B. | 4       | 12    | OYADOMARI, J.C.      | 2       | 6     |
| DIAS FILHO, J.M. | 5       | 11    | SOUSA, R.G.          | 2       | 6     |
| GOMES, S.M.S.    | 3       | 10    | ARAGÃO, L.A.         | 1       | 5     |
| LUCA, M.M.M. de  | 3       | 10    | BEUREN, I.M.         | 4       | 5     |
| GASSNER, F.P.    | 3       | 9     | COELHO, A.C.         | 3       | 5     |
| LAGIOIA, U.C.T.  | 3       | 9     | FREZATTI, F.         | 2       | 5     |
| WALTER, S.A.     | 3       | 9     | LOPES, A.B.          | 3       | 5     |
| CABRAL, A.C.A.   | 2       | 7     | OLIVEIRA, M.C.       | 1       | 5     |
| CONCEIÇÃO, M.G.  | 2       | 7     | OLIVEIRA, O.V. de    | 1       | 5     |
| GUERREIRO, R.    | 5       | 7     | PONTE, V.M.R.        | 1       | 5     |
| MIRANDA, L.C.    | 3       | 7     | SENA, A.M.C. de      | 1       | 5     |
| SANTOS, S.M. dos | 2       | 7     | VASCONCELOS, A.C. de | 2       | 5     |
| BRANDÃO, I.F.    | 2       | 7     | ALMEIDA, L.B. de     | 2       | 4     |
| CARDOSO, R.L.    | 2       | 6     | BORGERT, A.          | 1       | 4     |

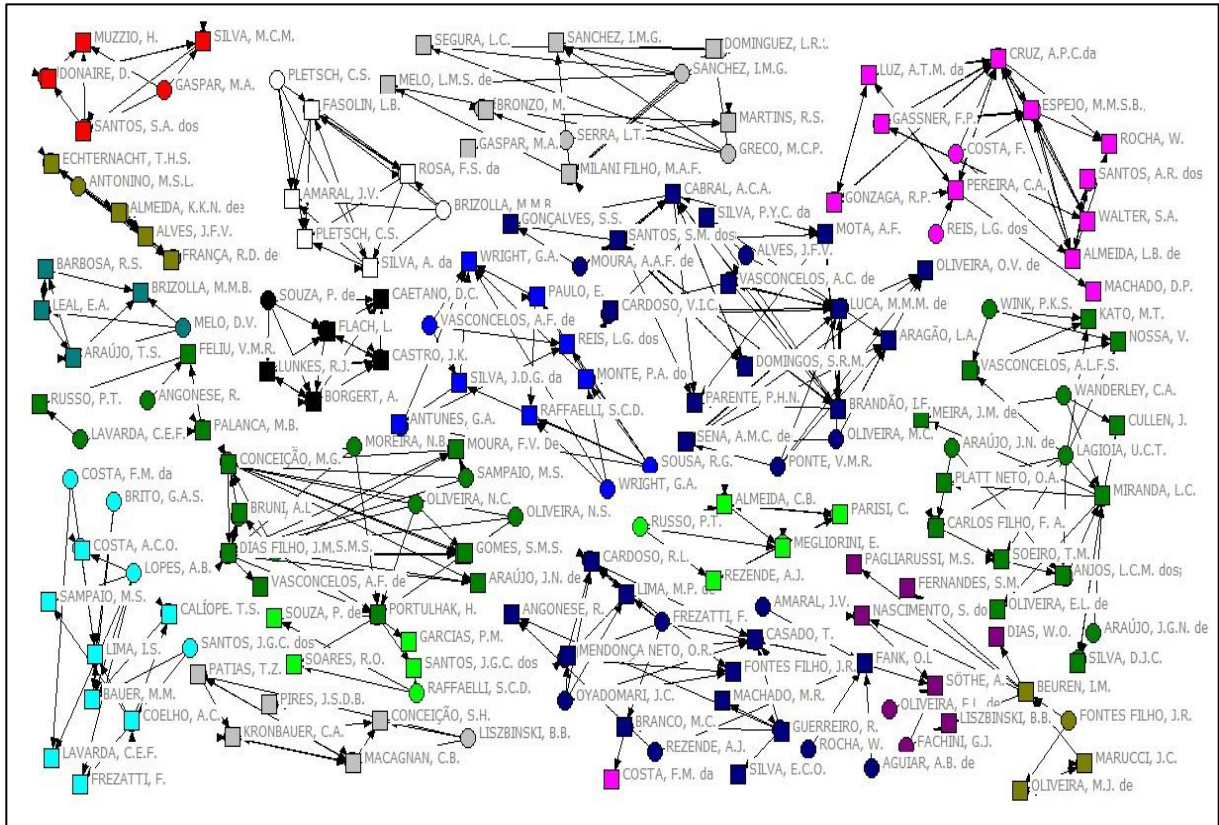
Fontes: Elaborado pelos autores

Como complemento dos resultados apontados na Tabela 05, a Figura 02, ilustra as redes de cooperação entre os autores durante o período analisado (2000 a 2015). Ressalta-se que, para uma melhor visualização optou-se por apresentar apenas as redes que mais apresentaram laços.

Em uma análise das redes de cooperação demonstrada na Figura 02, juntamente com as informações constantes na Tabela 05, observa-se que um pequeno grupo de autores se destaca em relação ao número de laços que integram a mesma rede de pesquisas, como CRUZ, A. P. C. da, ESPEJO, M. M. S. B., DIAS FILHO, J. M., GOMES, S. M. S. e LUCA, M. M. M. de.



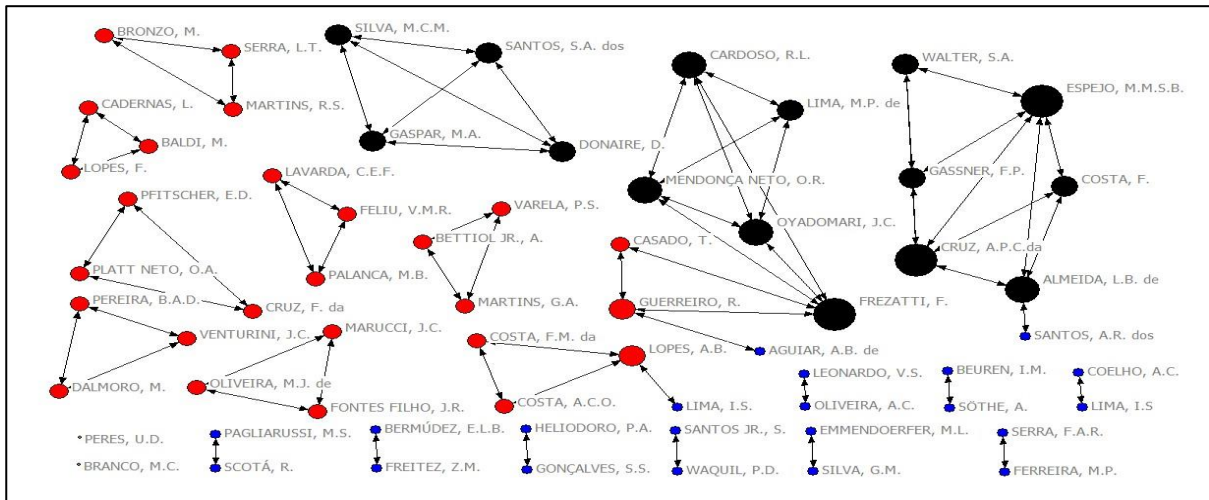
Figura 02: Rede de cooperação entre autores no período de 2000 a 2015



Fonte: Elaborado pelos autores

Para analisar a evolução no campo da teoria institucional na área contábil, decidiu-se pelo o desenvolvimento de análises separadas de períodos de 2000-2006, 2007-2009, 2010-2012 e 2013-2015. Assim, na Figura 03 apresentam-se os autores que publicaram no período de 2000 a 2009.

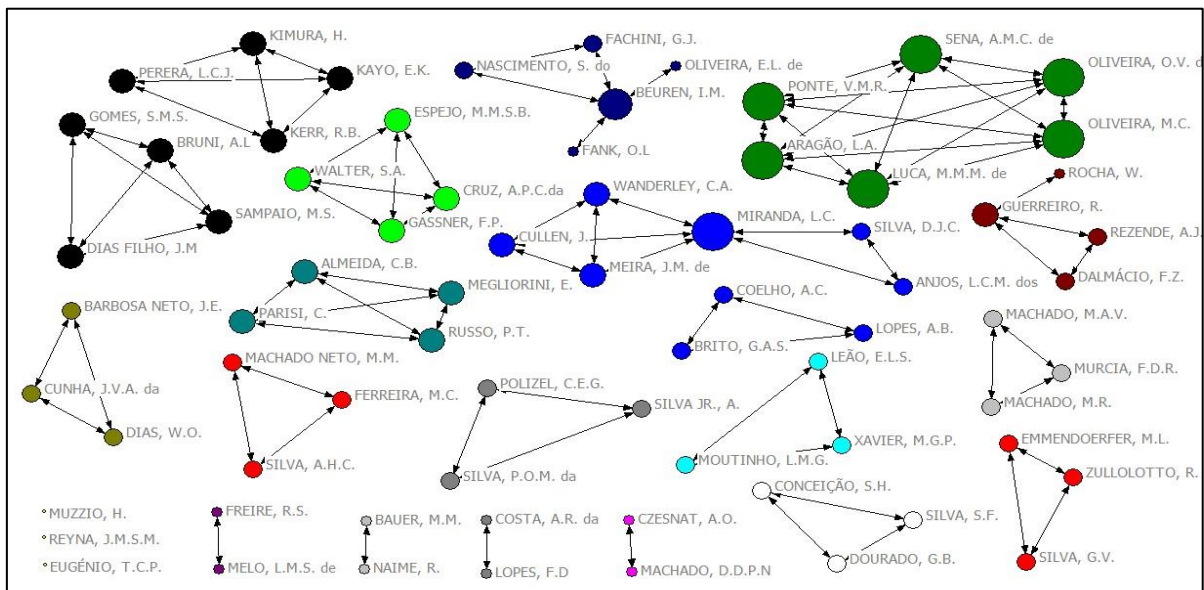
**Figura 03: Rede de Cooperação entre autores relativos ao período de 2000 a 2009**



Fonte: Elaborado pelos autores

Nesse período, como se observa na Figura 03, a pesquisa era desenvolvida predominantemente por grupos isolados, em redes que envolviam maior número de autores.

**Figura 04: Rede de Cooperação entre autores relativos ao período de 2010 a 2012**



Fonte: elaborado pelos autores

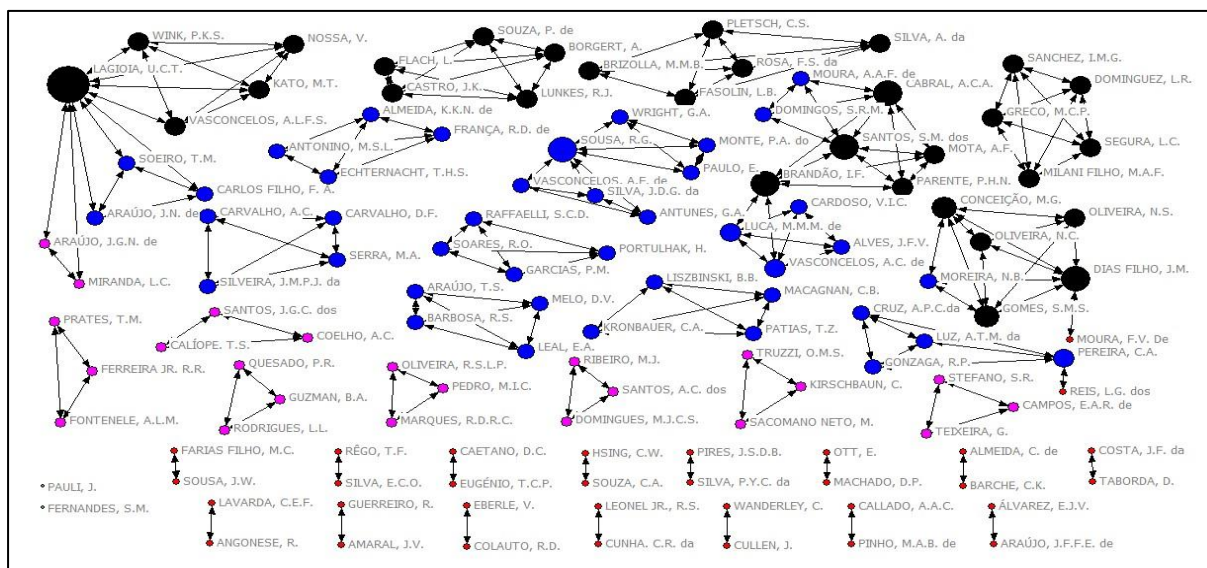
Na rede de cooperação, apresentada na Figura 04 percebe-se que a evolução quantitativa dos estudos vem acompanhado da ampliação do número de atores sociais envolvidos no processo, ao mesmo tempo em que se observa uma diminuição das lacunas estruturais identificadas no período anterior. Embora se observe também fragmentações em pequenos grupos, nesta rede a evolução das pesquisas em teoria institucional continua a crescer, com a



formação de mais grupos de interação, e predominância de conexões por meio de laços fortes. Na figura 05 apresentam-se as redes de cooperação dos períodos de 2013 a 2015.

Já no período de 2013 a 2015 a concentração na rede de cooperação demonstra que há vários autores com significativos laços entre si, e também outras pequenas e médias redes de cooperação, conforme mostra a Figura 05.

**Figura 05: Rede de Cooperação entre autores relativos ao período de 2013 a 2015**



Fonte: elaborado pelos autores

O cenário com pequenos e médios grupos de coautoria não é ideal. Contudo, ao analisar os pesquisadores da grande rede de cooperação, destaca-se a importância de alguns pelo considerável grau de centralidade que apresentam dentro de uma rede ou grupo de pesquisa, como pode ser observado na Figura 05. Isso fica evidenciado em autores como LAGIOIA, U.C.T, DIAS FILHO, J.M., os quais podem ser considerados os autores responsáveis pela disseminação do conhecimento sobre Teoria Institucional no Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou identificar os autores e instituições mais atuantes no processo de construção do conhecimento orientado pela Teoria Institucional na área contábil, no período entre 2000 a 2015, no Brasil. A população definida da pesquisa foram as publicações de periódicos nacionais, disponíveis por acesso via Web, compondo um total de 16 periódicos que abordavam a expressão: Teoria Institucional, Isomorfismo, Nova Economia Institucional, Velha Economia Institucional, Nova Sociologia Institucional, Institucionalismo, análise institucional e perspectiva institucional, o que resultou numa amostra 107 artigos científicos.

Como resultado observou-se que, o artigo que recebeu o maior número de citações foi o desenvolvido pela pesquisadora Ana Paula Capuano da Cruz com laços entre os cinco artigos

encontrados na busca. O estudo apontou também que a partir de 2008 até 2015 houve um aumento acentuado das publicações relacionadas ao tema pesquisado.

A pesquisa demonstrou que os periódicos que mais publicaram sobre o tema foram às revistas: *Universo Contábil*, *Base - Revista de Administração e Contabilidade UNISINOS*, *Revista Ambiente Contábil*, *RBGN - Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, *Contabilidade Vista & Revista*, as quais juntas publicaram 66 artigos, o que representou 61% das publicações sobre o tema. As instituições de ensino que apresentaram o maior número de laços foram USP, UFPR, UFPA, FURB, UFC e UFSC, em destaque a USP com 48 laços o que representa 20,25% das Universidades identificadas. A pesquisa identificou também uma elevada rede de relacionamentos entre os autores, CRUZ, A. P. C. da, ESPEJO, M. M. S. B., DIAS FILHO, J. M., e GOMES, S. M. S.

Como conclusão do estudo, referente os 107 artigos analisados e disponíveis nas bases pesquisadas nos últimos 15 anos, destaca-se que ocorre uma rede de pesquisa com laços fortes sobre a Teoria Institucional, sendo que esta rede é formada por autores de várias Universidades do País.

O tema na literatura nacional não é novo, no entanto o primeiro artigo publicado na área contábil datado ano de 2001, neste cenário, podemos considerar os autores como atores fundamentais para o processo de construção do conhecimento na área da contabilidade, assim como a USP se destaca enquanto ator coletivo em virtude do número de publicações e de sua centralidade na rede de cooperação, o que indica que esta instituição é um agente poderoso no campo com informações e privilégios. Destaca-se ainda que o campo da produção científica sobre o tema na área contábil está em ascensão quanto ao número de artigos.

Diante dos aspectos apontados, o estudo preenche uma lacuna de pesquisa a qual identifica os principais autores, universidades e linha de pesquisa relacionados ao tema Teoria Institucional nos principais periódicos nacionais. Quanto às limitações desta pesquisa, cita-se a amostra, visto que esta se restringiu aos dados dos periódicos de contabilidade nacionais, *Qualis* A2 até B3. E ainda, sugere-se para futuras pesquisas um estudo aprofundado sobre os temas mais abordados identificados por este estudo, numa perspectiva temporal e evolutiva de discussão.

## **REFERÊNCIAS**

AMENTA, Edwin; RAMSEY, Kelly M. Institutional theory. In: **Handbook of Politics**. Springer New York, 2010. p. 15-39.

BARBOSA NETO, João Estevão; COLAUTO, Romualdo Douglas. Teoria Institucional: estudo bibliométrico em anais de congressos e periódicos científicos. **ConTexto**, v. 10, n. 18, p. 63-74, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *The Construction of Reality: A treatise in the Sociology of Knowledge*. 1967.

BEUREN, I. M.; MACHADO, D. G.; VESCO, D. G. D. Análise Sociométrica e Bibliométrica de Pesquisas Publicadas no Management Accounting Research. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 18, n. 1, p. 83-105, 2015.

BOLI, John; THOMAS, George M. chapter one INGOs and the Organization of World Culture. **Constructing world culture: international nongovernmental organizations since 1875**, p. 13, 1999.

VIEIRA, Marcelo MF; CARVALHO, Cristina Amélia; LOPES, Fernando Dias. The structuring of the organizational field of theatres and museums in the south of Brazil. In: **Anais do 17 o European Group for Organization Studies Colloquium**. 2001.

COHEN, STANLEY BYYNY, RICHARD L.; ORTH, DAVID N.; Radioimmunoassay of epidermal growth factor. **Endocrinology**, v. 90, n. 5, p. 1261-1266, 1972.

DAL VESCO, Delci Grapegia; DOS SANTOS, Alexandre Corrêa; SCARPIN, Jorge Eduardo. Análise do campo científico em pesquisas com a temática “Terceiro setor” no Brasil, sob a perspectiva de redes sociais. **ConTexto**, v. 15, n. 29, p. 47-61, 2015.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review*, v. 48, p. 147-160, 1983.

DIMAGGIO, P. J. interest and agency in institutional theory. In: Lynne G. Zucker (ed.), *Institutional patterns and organizations: culture and environments*. Cambridge, MA: Ballinger, 1988. p. 3-21.

DOWLING, J. ; PFEFFER, J. Organizational legitimacy. *Pacific Sociological Review*. v. 18, p. 122-136, 1975.

FENNELL, M. L. The effects of environmental characteristics on the structure of hospital clusters. *Administrative Science Quarterly*, v. 25, p. 485-510. 1980.

GUARIDO FILHO, Edson Ronaldo; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; ROSSONI, Luciano. The social and intellectual dimensions in the construction of scientific knowledge: the institutional theory in organization studies in Brazil. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 7, n. 2, p. 136-154, 2010.

GUERREIRO, Reinaldo; PEREIRA, Carlos Alberto; FREZATTI, Fábio. Aplicação do Modelo de Burns e Scapens para avaliação do processo de institucionalização da contabilidade gerencial. **Organização & Sociedade**, v.15, n.44, p. 45-62, Janeiro/Março, 2008.

GUERREIRO, Reinaldo; PEREIRA, Carlos Alberto; FREZATTI, Fábio. Evaluating management accounting change according to the institutional theory approach: A case study of a Brazilian bank. **Journal of Accounting & Organizational Change**, v. 2, n. 3, p. 196-228, 2006.

HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. H. The population ecology of organizations. *American Journal of Sociology*, v. 82, p. 929-964, 1977.

HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. H. Structural inertia and organizational change. *American Sociological Review*, v. 49, p. 149-164, 1984.

HIRSCH, P. M. Organizational effectiveness and the institutional environment. *Administrative Science Quarterly*, v. 20, p. 327-344, 1975.

LARSON, M. S. *The rise of professionalism: a sociological analysis*. Berkeley: University of California Press, 1977.

HIRSCH, Paul M. Processing fads and fashions: An organization-set analysis of cultural industry systems. **American journal of sociology**, p. 639-659, 1972.

MACIEL, C. de O. Práxis estratégica e imersão social em uma rede de organizações religiosas. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MACHADO-DA-SILVA, C., FONSECA, V. Homogeneização e diversidade organizacional: uma visão integrativa. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 1993, Salvador. *Anais*. Salvador: ANPAD, 1993. 1 CDROM.

MACHADO-DA-SILVA, C., FONSECA, V. S. e FERNANDES, B. H. R. Mudanças e estratégia nas organizações: perspectivas cognitiva e institucional. In: VIEIRA, M. M. F.; OLIVEIRA, L. M. B. (Org.). *Administração contemporânea: perspectivas estratégicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

MACHADO-DA-SILVA, GONÇALVES, S. A. Nota Técnica: A Teoria Institucional. In: MACHADO-DA-SILVA, GONÇALVES, S. A. *Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1999, cap. 7, p. 220-226.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da informação**, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.

MCNEIL, K.; MINIHAN, E. Regulation of medical devices and organizational behavior in hospitals. *Administrative Science Quarterly*, v. 26, p. 475-490, 1977.

MEYER, J. W. ROWAN, B. Institutionalized Organizations: Formal Organizations as Myth and Ceremony. **American Journal of Sociology**, (83): 340-363, 1977.

MEYER, J. W. **The impact of the centralization of educational funding and control on state and local organizational governance.** Stanford, CA: Institute for Research on Educational Finance and Governance, Stanford University, Program Report, 1979.

PEREIRA, Fernando Antonio de Melo. A evolução da teoria institucional nos estudos organizacionais: um campo de pesquisa a ser explorado-DOI: [http://dx. doi. org/10.15603/1982-8756/roc.v8n16p275-295](http://dx.doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v8n16p275-295). **Revista Organizações em Contexto-online**, v. 8, n. 16, p. 275-295, 2012.

SEIFRIZ, M. A.; GONDIM, S. M. G.; PEREIRA, M. E. Internacionalização e Networks em Pequenas e Médias Empresas: o papel dos laços de descendência imigratória. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 16, n. 50, p. 5-24, 2014.

SELZNICK, Philip. **A liderança na administração: uma interpretação sociológica.** FGV, 1972.

SCOTT, W. Richard. The adolescence of institutional theory. **Administrative science quarterly**, p. 493-511, 1987.

SCOTT, W. R. **Institutions and organizations.** Thousand Oaks, California: Sage, 1987.

SCOTT, W. R.; MEYER, J. **The organization of societal sectors.** In: MEYER, J.; SCOTT, W. R. (eds). *Organizational environments.* Beverly Hills, CA: Sage, 1991.

WALTER, S. A.; BACHL, T. M.; BARBOSA, F. Estratégia como prática: análise longitudinal por meio de bibliometria e sociometria. **Revista Brasileira de Estratégia**, v. 5, n. 3, p. 302-327, 2012.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ZALD, M. The social control of industries. *Social Forces*, v. 57, p. 79-102, 1978.